

NA ROTA DA CANA: DESVENDANDO UM MAR VERDE EM MEIO À TERRA ROXA¹

Daliana da Silva Fernandes²
Gabriela Gonçalves Barbosa³
Marcela Nayara Falsarella Canil⁴
Jefferson Alves de Barcellos⁵
Igor José Siquieri Savenhago⁶

Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, SP

RESUMO

A proposta deste trabalho é a construção de um livro-reportagem que aborda a cultura da cana-de-açúcar, principalmente na região de Ribeirão Preto, considerada a maior produtora de cana, açúcar e etanol do país, além de outros derivados. As autoras procuraram informar quais medidas o setor sucroenergético vem tomando para posicionar sua produção no mercado, tanto interno quando externo. Para isso, foram em busca da história da cana na região. Como chegou? De que maneira se desenvolveu? Quais os caminhos traçados por esta cultura até hoje? A partir disso, o livro foi dividido em três partes, que contam, respectivamente, o início do cultivo, o relacionamento entre trabalhadores e indústria e as perspectivas do setor para os próximos anos.

Palavras-chave: cana-de-açúcar; etanol; história; Ribeirão Preto; trabalhadores rurais.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Informativo.

² Aluna-líder e estudante, em 2011, do 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: dalianasfernandes1@hotmail.com

³ Estudante, em 2011, do 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: gabrielagbarbosa@hotmail.com

⁴ Estudante, em 2011, do 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: mah_falsarella@hotmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: jeffbarcellos@yahoo.com.br

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: tatigor.sav@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A região de Ribeirão Preto era, num passado não muito remoto, conhecida por seus grandes cafezais. Chegou a ter o maior produtor de café, pelos idos do começo do século XX. Era Francisco Schmidt, que, na Fazenda Monte Alegre, atual campus da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto, ganhou a alcunha de “Rei do Café”.

Com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, a agricultura da região de Ribeirão foi ganhando outro verde, o da cana-de-açúcar. O próprio Schmidt já sentiria essa nova tendência, quando montou, já em 1906, o Engenho Central, na Fazenda Vassoural, entre Sertãozinho e Pontal, municípios vizinhos a Ribeirão. O imigrante alemão, que havia se tornado um dos homens mais fortes do país por causa dos seus cafezais, experimentava, com a montagem do engenho, trabalhar com a cana, o novo carro chefe da economia regional.

Desde a ocupação em grande escala das terras que eram do café, a cana é vista com grande geradora de riquezas. O setor conta com forte apoio do governo para movimentar a economia do país e fortalecer uma imagem positiva do Brasil no exterior como exportador e detentor de tecnologias. Porém, a cana, internamente, ainda é motivo de polêmicas, principalmente com os ambientalistas e sindicatos de trabalhadores rurais, que consideram a cultura degradante ao meio ambiente e à mão de obra de qualidade.

O fato é que o mercado do açúcar e, principalmente, do etanol, que representa uma fonte de energia renovável e que atende a uma demanda exigente, mundialmente falando, por alternativas que substituam os derivados do petróleo, estão atraindo a atenção do mundo para a região de Ribeirão Preto. Em função disso, o setor, praticamente obrigado, tendo em vista as oportunidades que estão se abrindo no mercado externo, vem adotando medidas que visam diminuir os impactos dos canaviais no meio ambiente, como o reaproveitamento de material proveniente da cana. A vinhaça, por exemplo, que é um resíduo da produção do etanol, vira fertilizante; o bagaço, energia elétrica.

De acordo com Araújo (2003), em sua obra “Fundamentos do Agronegócio”, a agricultura vem perdendo a ligação exclusiva que tinha com o campo, anos atrás, para virar negócio, que rende lucro a todos os elos da cadeia produtiva. O homem não precisa mais cuidar de cada detalhe da produção: acariciar a terra, depositar manualmente as sementes, acompanhar o dia a dia da produção, colher, gerar derivados e comercializar. A introdução

de novas tecnologias faz muitas dessas funções. O resultado são rendimentos com maior facilidade, o que atrai a atenção de novos empresários para o setor.

Com a expansão da cana-de-açúcar do Brasil, especula-se, porém, que a cultura tem grande potencial de tomar espaço que seria destinado à produção de alimentos, como grãos. Outro fator visto como negativo é o desmatamento, necessário para o surgimento de novos canaviais e cujo risco torna-se iminente quando se discute a possibilidade de expandir as áreas de cultivo para a Amazônia. Para Goes e Marra (2008), pesquisadores da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), no artigo “A expansão da cana de açúcar e sua sustentabilidade”, essa preocupação encontra respaldo apenas em teorias infundadas. Segundo o texto, a expansão canavieira vem ocorrendo mais no Centro-Sul do país, longe da Floresta Amazônica, e o local em que a cultura promete crescimento é no próprio Estado de São Paulo.

2 OBJETIVO

A partir do que foi apresentado, pretendeu-se elaborar um livro-reportagem que discutisse a cultura da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto, desde os primeiros canaviais, a montagem do Engenho Central, as dificuldades do café, até os dias de hoje. Com isso, responder à seguinte questão de pesquisa: como os empresários do setor estão atuando para promover os derivados da cana, principalmente o etanol, no mercado externo e reduzir, internamente, os problemas causados no ambiente e na questão da mão de obra, que afetam a divulgação das tecnologias canavieiras fora do país?

3 JUSTIFICATIVA

O fato de o agronegócio ser a mola propulsora da economia para a região de Ribeirão Preto, ao mesmo tempo em que se constitui num tema praticamente desconhecido pela população, já que é pouco abordado pelas mídias locais, foi decisivo para a escolha do tema como objeto de pesquisa. Levantar informações detalhadas sobre os diversos usos da cana-de-açúcar, abordar os motivos de sua contribuição para com a sustentabilidade do país, inserir o tema nas discussões acadêmicas e sociais e analisar as perspectivas do setor são fatores que as autoras do presente estudo entendem como de fundamental importância

para a região porque interferem, direta e indiretamente, na vida da grande maioria dos moradores, já que a roda da economia regional gira em torno da cana.

Não bastasse isso, algumas iniciativas vêm sendo tomadas em âmbito regional no sentido de unir as duas pontas da história do setor: início e atualidade. Em parceria com a FCA (Ferrovia Centro-Atlântica), concessionária responsável por grande parte da malha ferroviária da região de Ribeirão Preto, e o Governo Federal, a Prefeitura de Sertãozinho deve inaugurar, em breve, um passeio turístico que recebeu o nome de “Trem da Cana”. O passeio irá ligar o município às instalações do antigo Engenho Central, fundado por Francisco Schmidt, cujas estruturas foram preservadas. O objetivo é que os turistas passem por dentro de canaviais, conhecendo um pouco do cultivo da cana, e, por fim, entrem em contato com os primeiros passos para o surgimento da indústria canieira na região, resultado da visão empreendedora de Schmidt.

A proximidade do início dessa rota turística aliada aos investimentos que estão sendo feitos para promover o etanol no mercado externo como combustível limpo e alternativo e que vai de encontro a propostas ambientais importantes – um deles é o Protocolo de Kyoto, acordo que prevê a redução de poluentes na atmosfera em curto prazo –, além de modificações importantes em várias frentes de trabalho ligadas ao setor, principalmente no campo, com o advento da colheita mecanizada, que reduziu a necessidade da mão de obra manual, e a previsão do fim das queimadas de cana até 2014 no Estado de São Paulo, fazem do setor sucroenergético um tema extremamente atual e que precisa ser mais bem pensado, analisado e questionado.

O setor cresce de acordo com a demanda e, conseqüentemente, gera discussões em prol de seu desenvolvimento de forma sustentável, para que a produção seja benéfica a toda a população. O tema engloba profissionais de diferentes áreas, como saúde, agronegócio, economia, política, meio ambiente e, claro, não deve sair da esfera do jornalismo e da ciência, dois campos de conhecimento ocupados pelas autoras do trabalho. Expor e debater a questão são uma forma de pôr o tema para circular e, com isso, contribuir para atitudes e soluções rápidas aos frequentes dilemas envolvendo a cana-de-açúcar. Dilemas esses que influenciam, substancialmente, a vida na região.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A partir da problemática de pesquisa, pretendeu-se, com o trabalho, percorrer toda a história da cana na região de Ribeirão Preto. As informações necessárias para o desenvolvimento do livro-reportagem vieram de pesquisas em livros, revistas, recentes e antigas, artigos e informações da *Internet*, além de entrevistas com pessoas ligadas ao tema, como historiadores, empresários, consultores, autoridades políticas e trabalhadores rurais. Visitas a eventos que fazem referência ao setor sucroenergético, como a Agrishow e a Fenasucro, realizadas, respectivamente, em Ribeirão Preto e Sertãozinho, bem como palestras, convenções e conferências ajudaram a compor o aparato de pesquisa para o desenvolvimento do estudo. As entrevistas foram em profundidade, o que dá mais liberdade à fonte e ao próprio pesquisador, que pode perguntar a partir da resposta da fonte.

Segundo Duarte (2005), a entrevista em profundidade “é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (DUARTE, 2005). É dividida em dois tipos: aberta e semiaberta. A aberta consiste em abordar o entrevistado “de forma exploratória e flexível”, o que é feito sem uma ordem pré-determinada nas perguntas, que são definidas de acordo com as respostas do entrevistado e tendo como ponto de partida uma questão abrangente, que permite detalhá-la em vários subtemas. Esse aprofundamento das questões a partir das respostas é, segundo o autor, uma possibilidade de que a entrevista promova grandes descobertas.

Já o outro tipo, as entrevistas semiabertas, de acordo com o mesmo Duarte (2005), parte de um pré-roteiro, elaborado de acordo com os objetivos e as hipóteses da pesquisa. As questões não são fechadas, mas divididas por tópicos. É isso que diferencia este tipo de entrevista em relação ao tipo aberta. A semelhança está na possibilidade de que sejam feitas novas questões a partir das respostas dos entrevistados. Este tipo, especificamente, foi utilizado no trabalho para o caso de entrevistas que foram feitas por e-mail, devido à distância entre entrevistador e entrevistado ou impossibilidade de encontro com a fonte por eventual incompatibilidade de agendas. Assim, foram enviadas as perguntas iniciais ao entrevistado e, dependendo das respostas recebidas, outras perguntas foram mandadas, para que todas as dúvidas fossem sanadas e o assunto abordado de forma mais completa possível. Nas outras entrevistas, foram utilizadas as do tipo aberta.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O livro foi dividido em três capítulos. O primeiro fez um resgate histórico do surgimento da indústria da cana na região, partindo de uma visita ao Engenho Central, que virou símbolo do investimento no setor canavieiro na região. A segunda parte focou nas questões ambiental e trabalhista: a migração de trabalhadores para a região de Ribeirão Preto e a luta por melhores condições de trabalho, consequências do corte manual e o prejuízo ambiental causado pelos canaviais. Finalmente, a terceira parte abordou o setor nos dias atuais: como os empresários do ramo trabalham para equacionar a questão do trabalho com as perspectivas positivas para os derivados da cana, principalmente no mercado externo.

Além do texto escrito, fazem parte do livro fotografias históricas e outras clicadas no decorrer do trabalho, para contextualizar os assuntos tratados.

O livro tem 118 páginas internas, que foram impressas em papel sulfite 75g/m², com acabamento em reserva de verniz, para dar um realce nas fotos. O tamanho de cada página é 16 cm de largura por 23 cm de altura. O livro é envolto por uma capa dura, que traz a foto de um canavial iluminado pela luz solar, contrastando com o solo, de cor bem escura, característica da região de Ribeirão Preto e que faz referência ao título do livro – contraste entre as cores verde e roxo, que ajudam a definir o contexto de apresentação do assunto nas páginas internas do livro. Já na quarta capa, também de cor roxa, uma foto com as três autoras do livro seguida por um minicurrículo de cada uma.

O livro foi desenvolvido durante oito meses, de março a novembro de 2011, e apresentado em dezembro do mesmo ano como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto/SP, para a obtenção do título de bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. Dez cópias do livro foram impressas, sendo distribuídas para a banca examinadora e familiares das autoras.

6 CONSIDERAÇÕES

O setor sucroenergético, carro-chefe da economia da região de Ribeirão Preto, não encontra tanto espaço na mídia local e regional, por seu um assunto considerado delicado. Algumas emissoras de TV da região estão justamente nas mãos de empresários do setor, principalmente usineiros, que não têm interesse em trabalhar o assunto de forma

equilibrada. Quando o tema aparece, geralmente a abordagem é tendenciosa. A pujança do setor é destacada, em detrimento de práticas como as queimadas e a utilização de mão de obra barata e semiescrava. Mas o mundo já está de olhos nessas questões. Para que a tecnologia de produção de energia renovável do Brasil caia, definitivamente, nas graças de outras nações, será preciso resolver questões como essas. Produção ambientalmente correta e com respeito à dignidade do trabalhador são exigências do mercado internacional para que se possa conseguir um posicionamento de destaque.

Por isso, este trabalho buscou demonstrar se os empresários do setor estão trabalhando nesse sentido e como estão trabalhando. Além de produtos de alta qualidade, o que irão oferecer aos consumidores, no que diz respeito a preocupações que determinam, hoje, não só a dinâmica da economia planetária, mas um foco de atuação mais humanitária, em que se prioriza a qualidade de vida dos envolvidos diretamente, bem como da população do entorno?

O resgate do início da história da cana na região de Ribeirão Preto, com as instalações dos primeiros engenhos, e os relatos das difíceis relações entre empregados e patrões, nos dois primeiros capítulos do livro, permitiram fazer um gancho para o terceiro capítulo, em que se discutem as práticas adotadas atualmente pelo setor. Com essa estrutura, buscou-se facilitar uma compreensão do leitor de que as formas de trabalho que se consolidaram no setor canavieiro por longas décadas precisam ser revistas. E que uma das maneiras de repensar, refletir este novo cenário é abrindo o debate, trazendo o assunto à tona por meio de livros, revistas, jornais, TVs, rádios. A mídia tem papel preponderante nesse aspecto.

Este livro é a nossa contribuição para esse processo de mudança de paradigmas. Mas que as iniciativas não parem aqui. Que as considerações deste trabalho sejam provisórias. Que outras vertentes sejam traçadas e que o debate realmente se faça presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Massilon J. **Fundamentos do Agronegócio**. São Paulo: Atlas, 2003.

BACELLAR, Carlos; BRIOSCHI, Lucila. **Na estrada do Anhanguera**: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1999.

CARRER, Nelson. **Os desbravadores: personagens que fizeram história no interior paulista**. 2. ed. Ribeirão Preto: Editora Palavra Mágica, 2002.

D’ALESSIO, Vito. **Cana: doces memórias**. Ribeirão Preto: Dialeteo, 2011.

FACIOLI, Irmã Inês; GARCIA, Padre Antonio. **Vozes do eito**. Guariba, 2009.

GOES, Tarcízio; MARRA, Renner. **A expansão da cana-de-açúcar e sua sustentabilidade**. Disponível em <http://www.embrapa.br/imprensa/artigos/2008/A%20expansao%20da%20cana-de-acucar%20e%20a%20sua%20sustentabilidade.pdf>. Acesso em 05 de junho de 2011.

MENEZES, Gilberto. **A cana-de-açúcar retratada em São Paulo**. São Paulo: Igual, 2006.

MIRANDA, José R. **História da Cana-de-açúcar**. Campinas: Komedi, 2008.

JUNQUEIRA, Eduardo Diniz. **Páginas Soltas**. Ribeirão Preto: Editora Novo Conceito, 2011.

MACEDO, Isaias de Carvalho. **A energia da cana-de-açúcar: doze estudos sobre a agroindústria da cana-de-açúcar no Brasil e sua sustentabilidade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2005.

Fontes:

CARMONA, Braz. Entrevista concedida a Daliana da Silva Fernandes, Gabriela Gonçalves Barbosa e Marcela Nayara Falsarella Canil. Sertãozinho, 9 de maio de 2011.

GARCIA, Padre Antônio. Entrevista concedida a Daliana da Silva Fernandes, Gabriela Gonçalves Barbosa e Marcela Nayara Falsarella Canil. Guariba, 28 de setembro de 2011.

JUNQUEIRA, Eduardo Diniz. Entrevista concedida a Daliana da Silva Fernandes, Gabriela Gonçalves Barbosa e Marcela Nayara Falsarella Canil. Ribeirão Preto, 4 de julho de 2011.

MENDES, Flávia. Entrevista concedida por e-mail a Daliana da Silva Fernandes, Gabriela Gonçalves Barbosa e Marcela Nayara Falsarella Canil, 3 de outubro de 2011.

NOBRE, Mário Sérgio. Entrevista concedida a Daliana da Silva Fernandes, Gabriela Gonçalves Barbosa e Marcela Nayara Falsarella Canil. Sertãozinho, 20 de agosto de 2011.

OLIVEIRA, Vandair Rosa de. Entrevista concedida a Daliana da Silva Fernandes, Gabriela Gonçalves Barbosa e Marcela Nayara Falsarella Canil. Sertãozinho, 20 de agosto de 2011.

RIBEIRO, Valéria. Entrevista concedida a Daliana da Silva Fernandes, Gabriela Gonçalves Barbosa e Marcela Nayara Falsarella Canil. Ribeirão Preto, 1º de outubro de 2011.

SILVA, Bruno César da. Entrevista concedida a Daliana da Silva Fernandes, Gabriela Gonçalves Barbosa e Marcela Nayara Falsarella Canil. Pradópolis, 1º de outubro de 2011.